

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 6º e 7º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-224-6



9 788581 712246

VENDA PROIBIDA

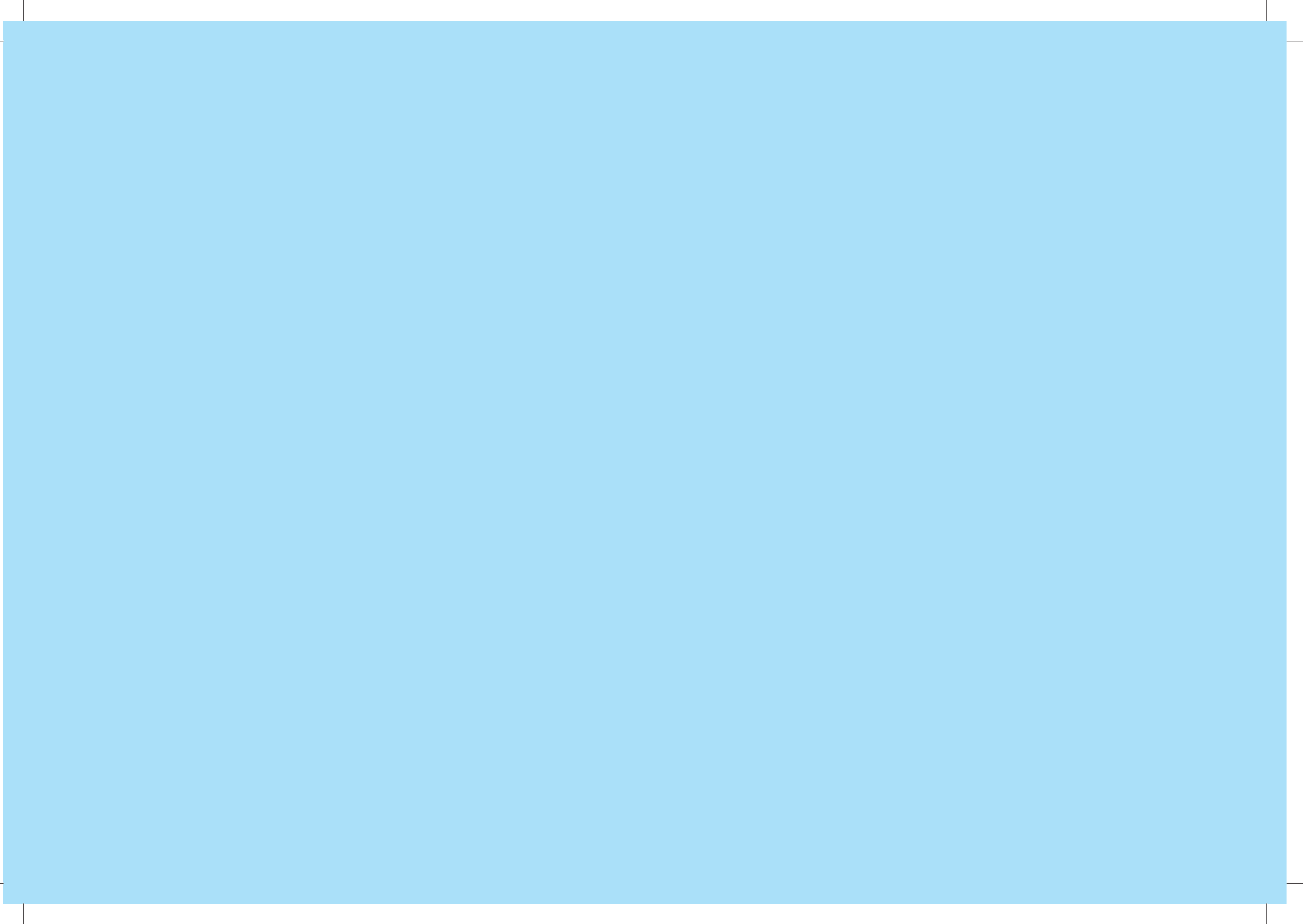
Camila Chaves

Ilustrações Rafael Limaverde

O MISTÉRIO DO NAVIO NAUFRAGADO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação





Camila Chaves
Ilustrações Rafael Limaverde

O MISTÉRIO DO NAVIO NAUFRAGADO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Governador
Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário da Educação
Rogers Vasconcelos Mendes

Secretária-Executiva da Educação
Rita de Cássia Tavares Colares

*Coordenador de Cooperação
com os Municípios (COPEM)*
Márcio Pereira de Brito

*Orientadora da Célula
de Apoio à Gestão Municipal*
Gilgleanne Silva do Carmo

*Orientador da Célula
de Fortalecimento da Aprendizagem*
Idelson de Almeida Paiva Júnior

*Orientadora da Célula
do Ensino Fundamental II*
Ana Gardennya Linard Sírío Oliveira

*Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão*
Kelsen Bravos

Projeto e Coordenação Gráfica
Daniel Dias

Design Gráfico
Emanuel Oliveira
Eduardo Azevedo

Revisão Final
Marta Maria Braide Lima
Sammya Santos Araújo

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Sammya Santos Araújo
Antônio Êlder Monteiro de Sales
Sandra Maria Silva Leite
Antônia Varela da Silva Gama

Catálogo e Normalização
Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F383m Ferreira, Camila Chaves.

O mistério do navio naufragado / Camila Chaves Ferreira; ilustrações de Rafael Limaverde. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

32p. il.

ISBN 978-85-8171-224-6

1. Literatura infantojuvenil. I. Limaverde, Rafael. II. Título.

CDU 028.5



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambéba
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325
(Todos os Direitos Reservados)

*Para Maria Clara e todas as crianças,
pequenas ou grandes, que brincam de imaginar.*





Eu estava completamente inquieta. Falta-
vam três minutos para a hora da saída e
o início das minhas férias, minha felicidade.
Estávamos quase liberados. A professora de-
sejava-nos juízo e terminava de nos dar seus
últimos recados. Dali a um mês, retornaríamos
às atividades.

Foi quando ela sugeriu que separássemos
uma parte desse tempo para pensar criações,
vocações, profissões. O danado era que, àque-
la altura, eu só conseguia pensar no encontro
com meus primos e, mais ainda, no mistério
do navio que avistávamos do quintal da casa
de vó Lúcia.

A sirene tocou!

Trinta e dois de nós estávamos de pé num pulo. Vibramos muito, nos abraçamos. Depois nos despedimos. Entre nós, colegas de classe, já havia saudade.

— Tchau, Clara! Depois conte as novidades.

Ouvi isso e fui sorrindo, disfarçando a ansiedade e lembrando histórias intermináveis.

Em casa, meus pais me aguardavam com a mochila já pronta. Como o ônibus só passava de hora em hora, apressamos o passo e fomos embora. Conseguimos pegar o transporte que partia pouco depois das 18h. Foi sorte, mas aquela hora era terrível! Muitos carros, muita buzina. Quase tudo parado.

Enfrentamos o maior engarrafamento de todos os tempos! Cheguei a achar que fosse passar as férias inteiras dentro de um ônibus. Mas, ao fim de duas horas e de um saco de pi-

poca, chegamos ao nosso destino. Desembarcamos e caminhamos até a casa de vó Lúcia.

A vó morava numa rua de chão de pedras e casas pequenas. Sob o Sol do meio-dia, sua casa era tão quente quanto um forno de padaria. Mas, sob o luar da meia-noite, era fria, fria, fria. Tinha dois quartos, sala, cozinha, banheiro e, a melhor parte, o quintal, de onde era possível ver o mar e o navio.



Na porta de casa, como já era de costume, vó Lúcia nos esperava com seu cheiro de lavanderia e sua roupa toda branca. Sentada na companhia dos meninos, foi ela quem primeiro viu quando meus pais e eu dobramos a esquina já muito felizes por aquele reencontro.

Felipe e Mateus, que nada tinham de discretos, fizeram o maior rebuliço quando perceberam nossa presença. Ficaram de pé, bateram palmas, assoviaram e atiçaram meio mundo de cachorros que latiram animados. Eu tive uma crise de riso e, a vó, meus pais e meus tios acabaram se divertindo muito com isso.

Dentro da casa, nos sentamos em volta da mesa e aguardamos enquanto o jantar seria servido. Eu e os meninos falávamos alto e fazíamos muitas piadas. A gente adorava! Como bons netos, era verdade também que estávamos sempre em disputa para saber quem ganhava mais atenção.

— Vó! Ei, vó. Não é verdade que eu sou sua neta preferida? – perguntei.

Felipe, que não deixava nada “passar batido”, manifestou sua indignação de imediato, antecipando-se a qualquer possibilidade de resposta:

— Claro, espertinha! Neta aqui só tem você. Assim não vale.

O vento vindo do quintal deixava a casa toda fria, mas nossa intriga ajudava a aquecer o coração. Além disso, vó Lúcia pôs na mesa uma cesta com torradas que, no instante seguinte, passaram a acompanhar aquele caldo de peixe quentinho que só ela sabia fazer. Como era uma delícia!

Terminamos de jantar, nossos pais se despediram. Eu e os meninos nos dividimos para organizar a louça. Ajudar nas tarefas era a principal regra do nosso vasto manual de

sobrevivência no período de férias. Pratos lavados, secos e guardados. Estávamos livres para o momento mais esperado.

Fomos para o quintal. Chão de areia, bancos de madeira e um varal cheio de roupas brancas que o vento balançava. No céu, uma lua cheia iluminando o mar e, mais ao fundo, o navio naufragado. Chegou ali antes de nós, havia anos, havia décadas! Mas, quase nada se sabia. Era um mistério.



Misteriosa também era vó Lúcia. Foi ela quem nos contou as circunstâncias do naufrágio, embora sem muitos relatos. Falou apenas que foi numa noite de maré alta e forte tempestade, que havia dezoito pessoas a bordo e que os dezessete homens saíram do navio sem sofrer nada.

— Mas, vó! Essa conta não bate.

— Como assim não bate?

— Havia dezoito pessoas, mas só dezessete foram resgatadas.

Vó Lúcia não dizia mais nada, de propósito. Parecia guardar um segredo assim como o baú que ficava dentro do seu quarto. Pelas caras engraçadas que ela fazia, dava para saber que, na verdade, o que ela queria era ouvir as histórias que a gente inventava acerca do navio.

Mateus tentava ter fama de destemido, mas a mim e ao Felipe, ele não enganava. Como sempre que podia, mudava de assunto, descobrimos que, além de ter medo de alma de passarinho, o mistério do navio era coisa que também o atormentava. Ele negava:

— Não é medo do navio, é só uma conta errada. Vocês são péssimos em Matemática, assim como quem fez a conta do naufrágio.

A teoria de Mateus, dentre todas, a mais chata, consistia em dizer que, na confusão daquele dia, a equipe responsável pelo resgate acabou se atrapalhando numa simples anotação. No nervosismo, puseram dois números diferentes, quando somente um deles era digno de atenção.

— E qual era o número certo? – Felipe perguntou.

— O dezessete, claro!

— Claro que não! Que história mais sem graça!

A teoria de Felipe era a mais mirabolante. Ele acreditava que, de fato, no dia do naufrágio, havia dezoito homens no navio e que um deles sofreu um rapto improvável, uma espécie de abdução alienígena. Por sorte, a equipe de resgate teria chegado a tempo de impedir que houvesse mais desaparecidos.

— Poderia ter sido um grande desastre! – completou.

A vó riu quando percebeu que Mateus tentava disfarçar os olhos arregalados. Felipe, gaiato que era, para completar a cena, revirou os olhos e retorceu o corpo, fazendo aparecer uma corcunda e um bucho estufado. Depois, deu dois passos, jogou sua rede imaginária e completou:

— E foi assim que os extraterrestres capturaram o capitão do navio.

— Com uma rede de pescaria? Que história mal contada! – falei na lata.

— Pois então conte você uma melhor – respondeu indignado.

Foi numa noite de maré alta e forte tempestade. Havia dezoito pessoas a bordo do navio, e os dezessete homens foram resgatados sem sofrer nada.

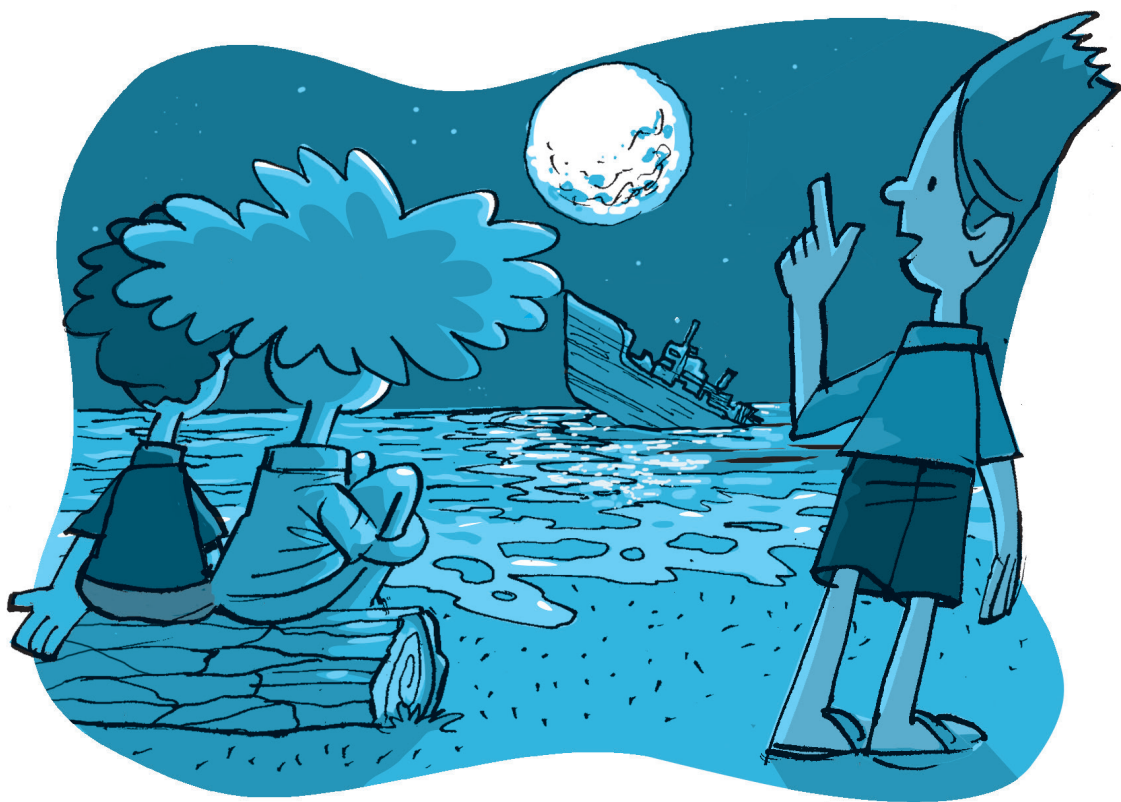
Repeti aquele enigma várias vezes, em silêncio, enquanto olhava ao longe o navio iluminado pela lua. Inquietos, os meninos pressionavam:

— Vai lá, Clara sabida. A gente está esperando.

Pensei nas aulas da escola, fiz as contas, lembrei histórias. Se, na data do naufrágio, os

registros davam conta de que dezoito pessoas estavam a bordo, e que dezessete foi o número de homens resgatados, para mim, de repente, algo tinha ficado claro.

— A última pessoa do navio só pode ter sido uma mulher!



Nunca havíamos pensado naquela possibilidade. Eu olhei para os meninos. Eles se entreolharam. Depois de pensar um pouco, Felipe disse que não fazia sentido, quando Mateus, já mais ou menos aliviado com a falta de assombro da minha teoria, abriu mão de sua hipótese matemática para me dar apoio.

— Por que não faz sentido, Felipe?

— Porque eu vi num filme que o último a abandonar o barco tem que ser o comandante do navio.

— Então, quer dizer que uma mulher não pode comandar um navio?

E a confusão foi ficando grande. Mateus e eu listamos mais de um milhão de profissões que eram ocupadas tanto por homens, como por mulheres: na condução de ônibus, na construção de casas, na programação de computadores, enfim, numa infinidade de áreas.

— Certo. Mas, vocês estão dando exemplos de hoje, quando eu estou falando de algo que aconteceu no passado – Felipe explicou.

Ficamos calados por um tempo. Com esse argumento, ele quase nos fez retornar à estaca zero em se tratando do mistério do navio naufragado. Já estávamos quase desanimados, quando vó Lúcia resolveu colocar lenha na fogueira do debate pela primeira vez.

— Vocês viram a TV na semana passada?

A vó se referia a um importante achado. No episódio relatado, cientistas realizaram testes feitos em um esqueleto de mais de mil anos! Eles queriam saber a verdadeira identidade de uma liderança guerreira e, ao final da pesquisa, os resultados lhes surpreenderam.

— E qual foi o resultado, vó? – perguntou Mateus assim que percebeu que Felipe já se preparava para inventar história sobre esqueleto.

— Durante todos esses anos, todo mundo acreditou que aquela grande liderança teria sido um homem. Agora, depois de muito pesquisar, descobriu-se que, na verdade, tratava-se de uma mulher – contou vó Lúcia.

— Caramba, vó!

Eu estava realmente surpresa. Se, há mais de um milênio, uma mulher liderou tropas de batalha, elaborando táticas e estratégias de combate como uma verdadeira guerreira, comandar um navio há tão poucos anos, não era, então, uma tarefa tão improvável.





Assim como eu e Mateus, Felipe estava surpreso com a informação trazida por vó Lúcia. Por isso, pediu permissão para quebrar uma importante regra constante em nosso respeitadíssimo manual de férias. Queria acessar a internet e confirmar alguns dados.

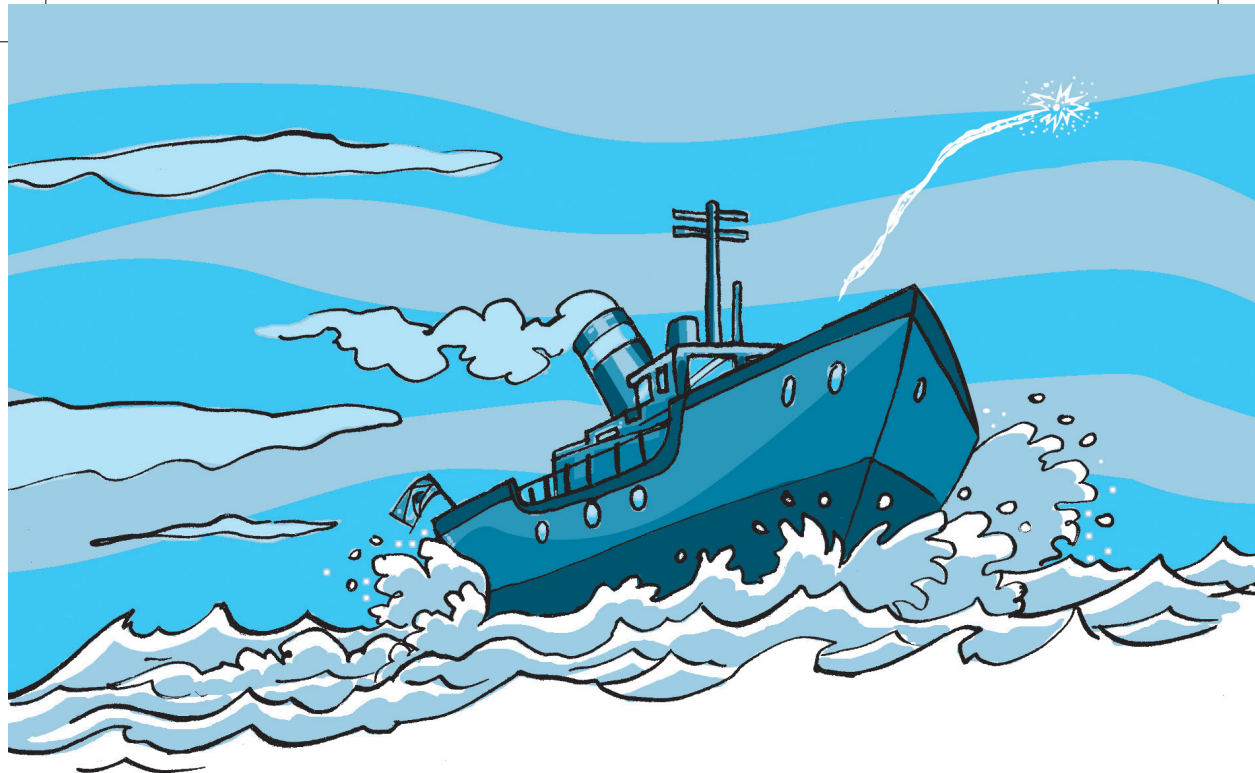
— Vó, não é que eu esteja duvidando da história da senhora – justificou.

— Meu filho, pesquise. Conhecimento é muito importante – disse a vó.

— Prometo que vai ser coisa rápida. Muito rápida.

— É por um bom motivo. Está liberado.

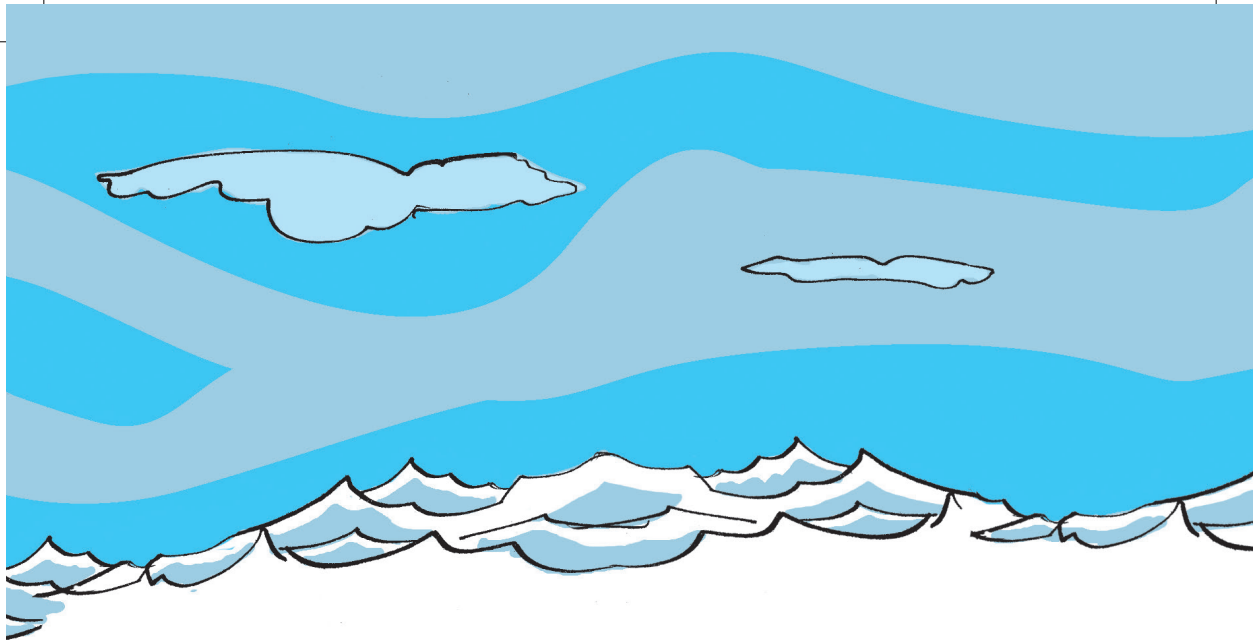
Felipe confirmou tudo e na pesquisa descobriu outro importante dado: a tecnologia de comunicação sem fio, que serviu de base para o uso de celulares e de internet *Wi-Fi*, teve também a participação protagonista de uma mulher, chamada Hedy Lamarr.



— Aqui diz que isso foi durante a Segunda Guerra Mundial.

Desligamos o celular e voltamos a especular sobre o navio. Havia algo ainda não solucionado. Porém, o relato de vó Lúcia e a pesquisa de Felipe fizeram com que Mateus e eu lembrássemos outras duas invenções importantes, que poderiam estar diretamente relacionadas à história do naufrágio.

Vó Lúcia já havia nos falado sobre uma

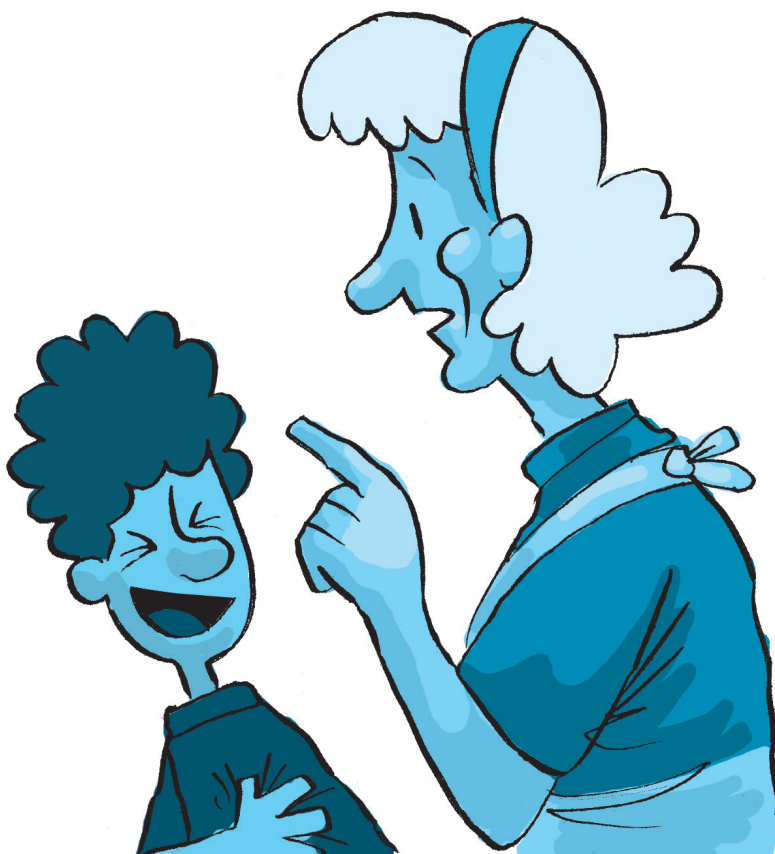


luz, vista no céu, na noite do acidente. Conforme os moradores comentavam, essa luz era vermelha e era possível vê-la mesmo em meio à tempestade. A luz saía do navio, subia até o céu, se espalhava e depois sumia.

Pronto! Essa foi a deixa para que Felipe novamente tentasse reforçar sua teoria. Para ele, independentemente de a pessoa desaparecida ter sido homem ou mulher, uma coisa era certa: a luz vermelha, vista pelos moradores, era mais uma prova de que o sumiço estava associado a fenômenos extraterrestres.

Dessa vez, até Mateus caiu na gargalhada.

Vó Lúcia, então, nos explicou que a luz vermelha vista, no céu, naquela noite nada mais era que um foguete de sinalização marítima. Inventado por uma mulher chamada Martha Coston. Esse sistema de comunicação possibilitou que a equipe de salvamento pudesse atuar de forma rápida.





Era verdade! Lembrei de quando a professora falou disso na escola e lembrei também de outra invenção importante, o bote salva-vidas. Criado por Maria Beasley, essa espécie de barco acabou garantindo que as pessoas resgatadas do navio naquele dia, não tivessem sofrido mais nada além do susto.



Naquele ritmo, poderíamos passar horas discutindo nomes de mulheres e de suas invenções tão importantes, mas, com o vento forte e a maré subindo, encerramos o assunto e voltamos para dentro de casa. Em termos de ideias, o primeiro dia de nossas férias foi muito produtivo. Agora era descanso.

Os meninos se davam por satisfeitos com a solução do enigma. A ideia de que o capitão do navio pudesse ter sido uma mulher já não era mais assim tão estranha. Era possibilidade. Para mim, porém, faltava algo ainda. Se era mesmo uma mulher a última pessoa do navio, quem era ela?

Fui deitar pensando nisso.

— Boa noite, vó.

— Boa noite, meninos.



Felipe e Mateus ainda passaram um tempo conversando no quarto. Por mais que eu reclamasse, no fundo, gostava de ouvir as histórias que eles contavam. Falavam da escola, do bairro onde moravam. Relatavam também coisas passadas e planejavam um futuro próximo. Depois dormiam.

Já estava tarde e eu continuava acordada com meus pensamentos quando, no quarto ao lado, uma luz amarela acendeu. Levantei na ponta dos pés e fui ver se vó Lúcia precisava de algo. Quando me aproximei da porta entreaberta, vi, por uma brecha, que ela estava sentada enquanto mexia no misterioso baú.

Tive medo de que ela achasse que eu estivesse espiando. Por isso, tentei voltar para a cama, mas, como minha curiosidade era muito grande, a verdade foi que não consegui. Que segredo vó Lúcia guardava? Quando dei por mim, estava novamente em pé em frente à porta de seu quarto.

— Vó? Posso entrar?

Vi quando ela levantou e veio caminhando com seus pés calçados num sapato muito brilhante e branco, assim como eram brancas a calça e a camisa abotoada. Na cabeça de cabelos cacheados, um chapéu de comandante. Nas mãos, uma medalha que me entregou com os olhos cheios de lágrimas.

— Parabéns, Clara! Eu nunca me senti tão orgulhosa.





Camila Chaves

Meu nome é Camila Chaves, nasci em 5 de julho de 1987, em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Ainda pequena, fui morar na ilha de São Luís - Maranhão, onde cresci e ouvi histórias. Vivi lá até me mudar para Fortaleza - Ceará, onde moro atualmente. Sou Relações Públicas, mestre em Comunicação, autora de “Gigante é o mar”, conto publicado no Farol (Moinhos, 2017), e de outros textos literários. Gosto da escrita e da leitura porque acredito que elas ampliam as nossas possibilidades de sentir e imaginar.



Rafael Limaverde

Sou meio menino, meio gente grande, comedozim de rapadura e açaí, que gosta de Poesia, de banho de chuva, de pintar pelas paredes, de pipa, de abraço e beijo, de passarinho cantando livre e tantas outras coisas... Mas tem uma coisa que gosto de verdade, ler! Deitar na minha redinha velha e ler até o sono chegar. De ver o mundo através do olhar do escritor, de viajar em seu mundo, dividir suas aventuras, medos e alegrias. Gosto de ver como, aos poucos, as palavras dos livros vão ficando amigas das minhas palavras e aí ganho um montão delas. E ter montão de palavras é ter também conhecimento, emoções e ternura. E aí, como meu barato, desde miúdo, é desenho, na medida em que vou lendo já vou desenhando tudo na cabeça! As palavras então ganham forma, cores, detalhes, texturas, altura, largura... Então é só juntar um montão de tinta e colocar tudo no papel. E fico muito, muito feliz por ter tido, desde sempre, muito livro e papel pertinho de mim. Quisera eu que todas as crianças do mundo (e de todas as galáxias!) tivessem o direito simples e precioso de poder ler um livro e pintar suas histórias. E é assim que quero pintar o mundo! Com infância, cores, poesia e alegria. Um abraço apertado a todas as crianças (grandes e pequenas). facebook.com/ilustrasrafael